

RESENHA

KARNAL, Leandro. **Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia.** Rio de Janeiro: LeYa, 2017, 143 p.

## A natureza humana: a essência do ódio cotidiano

DANILO HENRIQUE MARTINS\*

Leandro Karnal, na obra intitulada “*Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia*”, demonstra que a história e a realidade desvendam o lado sombrio do brasileiro, aquilo que costumamos não reconhecer. Segundo Karnal, somos violentos no trânsito, nas ruas, nos comentários das redes sociais, no momento em que votamos, ou seja, somos violentos cotidianamente.

O título da respectiva obra, de acordo com Karnal, fora inspirado em Thomas Hobbes, filósofo inglês, que no final do século XVII defendia a violência como eixo definidor das ações humanas: a guerra de todos contra todos seria inerente às sociedades.

Segundo Karnal o ódio sempre existiu na essência humana, porém flui por todos os lados. “Não é fácil existir e acumular fracassos, dores, solidão, questões sexuais, desafetos e uma sensação de que a vida é injusta conosco. O mais fácil é a transposição para terceiros” (p. 11).

Em “*Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia*”, Karnal procura dissecar e desconstruir o mito do pacifismo brasileiro e a ideia de que no Brasil não há ódio, preconceito e intolerância. O



território brasileiro, segundo o autor é uma terra que abriga terreno fértil para a violência, a agressividade, a demonstração raivosa e cega de intolerância, o ódio desmedido.

Karnal ressalta o ódio enquanto característica individual do sujeito em suas múltiplas ações cotidianas.

É uma análise sobre cada um de nós individualmente e também como sociedade. Reflito por que ele se mantém ao mesmo tempo em que temos horror ao ódio. Questiono os pequenos ódios do cotidiano. O que há de preconceito, fim de leitura, ódio uma forma de comunicação e contato com o outro, que revela muito de nossa incapacidade de viver com a diversidade, conviver com o outro e achar um fundamento de identidade na violência e na explosão (p. 14).

“*Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia*” está estruturado a partir de sete capítulos: O paraíso pacifista; Somos todos racistas? A violência nossa de todos os dias; Tudo começou em nós mesmos; O amor contra o dragão da maldade e da inveja; A globalização não aumentou o ódio; A internet facilita a

vida de quem odeia; A violência da política; Duas soluções: coerção e consenso. Tais capítulos buscam a reflexão acerca do ódio a partir da essência humana, além de relacionarem a reflexão de fatos históricos a fatos cotidianos na busca de tal objetivo.

A verdade “nua e crua” da natureza humana direciona pensamentos, desejos e anseios. O amor e o ódio, tão distantes, é o que caracteriza o indivíduo enquanto ser. A violência diária reflete a distinção e o olhar da sociedade. É essa violência, que em muitos casos exprime a injustiça social:

É manchete de jornal a violência que atinge grupos de elite, mas nunca aquela que atinge grupos sociais específicos, como negros, pobres, homossexuais e transexuais. Nossa violência é estrutural. Não é diferente da violência humana, mas é aumentada pela injustiça social, pelas relações raciais e pela própria violência política (p. 22).

Segundo Karnal (p. 33), “o crime cometido por criminosos e cidadãos saqueadores é o que a periferia vive cotidianamente. Quando atinge áreas nobres afirmamos que se trata de anarquia e caos”. Tais afirmações revelam a realidade do ódio de cada dia: o racismo, que está inserido nas raízes humanas. Logo, ódio e racismo estão atrelados na natureza humana.

Quanto maior o medo, maior o racismo. Quanto maior a ignorância, maior o racismo e a violência. Quanto maior a insegurança pessoal, maior o ódio. É uma maneira de eu responder de forma odiosa à incapacidade que tenho de achar minha posição no mundo. Nem todo ataque decorre da inveja do outro, mas todo ataque

é fruto do seu medo. Tenho de aprender a odiar. (p. 43).

O ódio de cada dia ocorre de diferentes formas, contextos e escalas. Não está restrito a esfera individual, mas avança para escalas locais, regionais, nacionais e internacionais. Logo, em muitos casos, as mídias são caminhos para sua expansão. O capitalismo técnico-científico-informacional se revela a partir da globalização.

Karnal enfatiza que a globalização condicionou a divulgação de inúmeros fatos, muitas vezes, “bobagens” que alcançam escala global. Dessa maneira, a internet torna-se o pivô dessa veiculação, ela maximizou a expressão de ódio, de intolerância, de exacerbação de preconceitos e da violência da linguagem. Para o autor, a internet não cria o sentimento de ódio, esta torna evidente aquilo que só se daria no campo do relacionamento pessoal.

O autor expõe o papel da educação e do conhecimento para a mudança das pessoas, apontando este caminho para a interrupção do fluxo de ódio entre os indivíduos. Nas palavras do autor, é necessário aprofundar este caminho, uma vez que, segundo o autor, “tendências de pensamento podem ser modificadas ou não ao longo do tempo”.

Para quebrar a cadeia de ódio, a primeira tarefa é parar de ensinar ódio às crianças. Ter cuidado extremo com aquilo que se fala, porque as crianças incorporam esse discurso, por causa da autoridade e do afeto. Interromper esse fluxo de ódio exige interromper a educação do ódio (p. 136).

Logo, a educação se revela enquanto base de toda transformação.

Transformação para o sucesso individual que se expressa nas relações pessoais. Dessa forma, erradicar o ódio, é mudar bases, conceitos, criar novos paradigmas, desejos e emoções. Para tanto, buscar na educação tal recurso, torna-se a essência para a mudança.

Afinal, o ódio nosso de cada dia deve ser erradicado.

Recebido em 2019-06-05

Publicado em 2019-09-11

---

\* **DANILO HENRIQUE MARTINS** é Mestre do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).